Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Sistemas preditivos e generativos de IA: usos cotidianos e implicações sociotécnicas

Predictive and generative AI systems: Everyday applications and sociotechnical implications

Alice Melo Xavier
Carlise Porto Schneider Rudnicki

Palavras-chave: IA; Algoritmos; Big Data.

Introdução

A Inteligência Artificial (IA) vem ganhando espaço no cotidiano nos últimos anos, sendo utilizada em setores diversificados, como atendimento ao cliente, educação, mercado financeiro, dentre outros tantos. Conforme aponta Samarão (2023), os sistemas de IA estão presentes nos processos de digitalização desde meados dos anos 2000, mas ganharam força, e talvez mais importante, visibilidade, a partir de 2022, considerando nesse cenário os fatores pandêmicos e sua influência na aceleração digital.

Todavia, observa-se uma certa banalização no uso das ferramentas mais específicas de IA em si, além de equívocos no entendimento dos tipos e limitações que as IA's de naturezas distintas apresentam. Com isso, é possível observar um certo mascaramento de suas influências no cotidiano, principalmente ao considerarmos os vieses e preconceitos humanos que se acoplam nos bancos de dados ao quais estas tecnologias consultam.

Esses processos não são simples, seja do ponto de vista estrutural, técnico ou funcional. Nesse sentido, este trabalho busca apresentar algumas das principais distinções

entre os sistemas de IA preditivos e generativos, a partir de estudos realizados nos últimos seis anos em Programas de Pós-Graduação brasileiros, observando lacunas e apontamentos sobre mudanças na sociedade que contam com o envolvimento dessas tecnologias.

1. Distinções entre os sistemas preditivos e generativos

Para iniciarmos uma explanação sobre a IA, tomaremos como ponto de partida a questão dos algoritmos. De acordo com Ochs (2024), os algoritmos constituem conjuntos de instruções que permitem às máquinas executar tarefas, sendo considerados elementos basilares da IA. Como elemento desses sistemas destacamos o aprendizado de máquina (*machine learning*), que utiliza dados e algoritmos para possibilitar que os computadores aprendam e desempenhem funções específicas sem a necessidade de intervenção humana.

Diante do grande volume de informações digitalizadas presentes no cenário contemporâneo, esses bancos de dados são denominados *Big Data* e se multiplicam exponencialmente a cada minuto, em razão da quantidade de atividades realizadas no ambiente digital, englobando desde tarefas aparentemente inofensivas até decisões mais complexas (Sayad, 2023).

Com isso estabelecido, podemos entender os sistemas preditivos como ferramentas que refinam seus resultados por meio da retroalimentação de dados, ou seja, "a cada novo uso, novas informações alimentam o algoritmo até que ele tenha uma entrega perfeita e personalizada para o usuário" (Samarão, 2023, p. 39). A exemplo, temos os *feeds* de redes sociais, os sistemas de recomendação de aplicativos e plataformas de *streaming*, dentre outras ferramentas que lidam com busca de informações, utilizando-se da probabilidade para estabelecer correlações entre o conjunto de dados disponíveis (Sayad, 2023).

O ChatGPT (OpenAI), Copilot (Microsoft) e Gemini (Google), dentre outras tantas ferramentas são os chamados sistemas generativos, que foram adotados por grande

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

parte da população e ampliaram o debate no campo da inteligência artificial. Um diferencial nos sistemas generativos é a conversão dos dados, de forma que os indivíduos conseguem fazer suas solicitações de conteúdo e receber a devolutiva em linguagem humana, sendo esse fator um facilitador do acesso, garantindo a adoção dos sistemas.

Todavia, há uma crescente preocupação na esfera da validade das alegações produzidas pelos sistemas generativos, diretamente relacionadas ao grau de confiabilidade que atribuímos como usuários às informações recebidas, as quais, muitas vezes, podem estar enviesadas ou até mesmo completamente equivocadas. Embora tanto os modelos preditivos quanto os generativos utilizem recursos de aprendizado e grandes bancos de dados, a forma como chegam ao público em geral é distinta, o que influencia diretamente as percepções sociais e culturais sobre o tema.

2. Metodologia

Para analisar as diferenças entre sistemas de IA preditiva e generativa, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, conforme metodologia de Gil (2009), utilizando materiais já elaborados para mapear visões sobre o tema. Este estudo integra um projeto de doutorado, representando os primeiros esforços e discussões da pesquisa em andamento.

Em abril de 2026 foi realizada uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses (BDTD) utilizando o termo “inteligência artificial”, refinado pela área do CNPq “Comunicação” e pelo período de 2015 a 2026. A pesquisa resultou em dois filtros relacionados à Comunicação, com trabalhos distintos, que foram unificados e integrados ao escopo deste estudo.

A partir dos trabalhos contemplados nesta etapa inicial de levantamento, buscaremos evidenciar as diferenças entre abordagens preditivas e generativas, destacando seus impactos mais imediatos, aqueles que revelam problemas perceptíveis a

um primeiro olhar, bem como efeitos menos visíveis, que tendem a passar despercebidos diante do encantamento dos indivíduos com essas tecnologias.

3. Resultados e discussões

3.1 Ponderações sobre os sistemas preditivos

Destacamos como ponto de partida o barateamento nos sistemas de previsão para órgãos públicos e privados, ou seja, a adoção dos sistemas preditivos implementados nos processos de digitalização, com ênfase a partir dos anos 2000. Sayad (2023) aponta que esse fator fortalece a popularização dos sistemas de IA, pois rompe com antigas lógicas econômicas ao facilitar o processamento de dados, gerando ganho de tempo e otimização de recursos, entre outras funcionalidades.

Santos (2020) indica que as tecnologias de IA foram entrelaçadas à sociedade de formas diretas e indiretas, retomando expectativas criadas pela ficção científica sobre sua entrada na vida cotidiana. No entanto, essa inserção ocorreu sobretudo por meio de operações menos visíveis, na categoria dos sistemas preditivos, cujas relações entre dados não são, a princípio, tão chamativas quanto as interfaces de interação direta oferecidas pelas tecnologias generativas.

Uma das características centrais dos sistemas de inteligência preditiva é a capacidade de personalização dos resultados, a partir da coleta e análise contínua de dados dos usuários, como histórico de navegação, curtidas, tempo de visualização, interações e padrões de comportamento. Com isso, os algoritmos permanecem em constante ajuste e refinamento, buscando prever preferências e apresentar conteúdos considerados mais relevantes para cada indivíduo, de modo que nenhum usuário verá a mesma tela em uma plataforma, visto suas preferências registradas.

A curadoria, ato de selecionar, organizar e compartilhar conteúdos relevantes, tem sido cada vez mais delegada a sistemas preditivos, de modo que, frequentemente, consumimos como informação primária aquilo que o sistema nos apresenta como mais

adequado, sem explorar mais profundamente, muitas vezes de forma inconsciente. Santaella aponta que “nestes novos tempos de sistemas de recomendação, qualquer afirmação sobre a liberdade de escolhas dos usuários soa bastante ingênua, pois as contradições que aí se abrem não são poucas” (Santaella, 2023, p.23).

Os sistemas preditivos criam pequenos ambientes de informação em meio à vasta quantidade de conteúdos disponíveis na Internet, favorecendo a formação de bolhas, que são entendidas como aproximações de perfis de usuários com comportamentos similares em redes sociais, conforme explica Santos (2024). Esse fenômeno possibilita um uso social estratégico desses sistemas para a difusão de notícias falsas, inflamando disputas discursivas. Tal cenário tem se tornado uma das principais preocupações do campo jornalístico nos últimos anos, como aponta Oliveira (2023).

3.2 Ponderações sobre os sistemas generativos

Os sistemas generativos vem ganhando espaço e destaque nos últimos tempos, especialmente por suas capacidade de interação direta com os usuários, o que torna a utilização desses sistemas mais facilitada para boa parte da população, além da vasta gama de funcionalidades incorporadas nesses sistemas para a realização de tarefas de trabalho, educação, dentre outros ramos. O encantamento gerado pelos sistemas de IA é descrito por alguns autores, como Samarão (2023) como uma forma de "romantismo tecnológico" que mascara a complexa rede de interesses comerciais e técnicos por trás das interfaces.

De acordo com Samarão (2023), esse fascínio atua como um "ópio digital", no qual os indivíduos, seduzidos pela promessa de soluções imediatas para suas necessidades, acabam deslumbrados pela facilidade de uso e pelas recompensas. Moraes (2023) complementa esse raciocínio, observando que as empresas projetam personalidades amigáveis e prestativas como uma forma de construir relacionamentos

com os usuários, o que muitas vezes pode acarretar em certas confusões entre as visões de companheirismo e utilidade em muitos momentos.

Com isso, uma problemática não percebida por grande parte da população é levantada: os sistemas generativos sempre irão fornecer uma resposta, por serem programados para tal, todavia, isso não significa que essa resposta seja correta. A esse fenômeno, chamado tecnicamente de alucinação, pode ocorrer em virtude da falta de dados, complexidade da pergunta ou outras questões sistemáticas, explica Samarão (2023). A confiabilidade das pessoas e questões como gramática e argumentação, podem levar a uma falsa sensação de veracidade, justifica Ochs (2024), o que acaba acarretando em uma série de eventos que poderiam ser evitados com a verificação dos usuários no início dos acontecimentos.

Ainda na questão de confiabilidade, Souza (2023) defende então que com as mudanças no contexto sociotécnico vigente, se faz necessário implementar questões na ordem da alfabetização digital, de modo a mitigar uma série de impactos percebidos. A exemplo do argumento, uma maior conscientização sobre a alucinação dos sistemas generativos permitiria que os usuários se envolvessem mais no ato de checar as informações geradas, diminuindo assim a proliferação de dados enviesados.

Nesse sentido, há de se ponderar uma série de problemáticas sobre limitações e possibilidades de uso ético e responsável, tanto por parte das empresas de tecnologia quanto dos usuários que utilizam os sistemas generativos.

Considerações Finais

É importante não ater-se a discussões dicotômicas ao observar a temática, visto que o cenário sociotécnico é um organismo vivo que se reformata a todo momento, tanto por parte dos atores sociais quanto do desenvolvimento de novas tecnologias e que sentidos os indivíduos dão a seu uso cotidiano. Ainda, é importante considerar que os

resultados oferecidos pelos sistemas refletem uma série de interesses econômicos, políticos, culturais, dentre outros.

Mas ainda sim, há de se ponderar que a confiança excessiva nos dados mais acessíveis pode nos tornar dependentes de suas respostas. Por isso, é fundamental adotar uma postura observacional diante dos usos da IA, garantindo que sejamos agentes conscientes de suas aplicações e não meros objetos de sua lógica operacional.

Referências

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2009**.**

MORAES, Roseni Guimarães Corrêa de. **Agentes conversacionais Inteligentes e a comunicação mediada por algoritmos:** as complexidades das interações com os usuários, no cotidiano. 2022. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

OCHS, Mariana. **Educação midiática e inteligência artificial**: fundamentos. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2024.

OLIVEIRA, Frederico. **As fake news e a produção jornalística de referências.** 2023. 382f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

SAMARÃO, Liliany Alves. **IA e algoritmos enviesados:** as dimensões do viver na sociedade 5.0. 2023. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

SANTAELLA, Lúcia. **Pensar a inteligência artificial:** cultura de plataforma e desafios à criatividade. Organização de RIBEIRO, Daniel Melo; ALZAMORA, Geane. Belo Horizonte: FAFICH/PPGCOM/UFMG, 2023.

SANTOS, Lais Mendonça. **A convivência entre humanos e máquinas:** uma análise sobre tecnologia e interferências na subjetivação. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

SAYAD, Alexandre Le Voci. **Inteligência artificial e pensamento crítico:** caminhos para a educação midiática. 1° ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2023.

SOUZA, Aurora de Barros. **A LGPD e as decisões decorrentes do tratamento automatizado de dados pessoais.** 2023. 109 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Indústrias Criativas) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2023.